

## **Do Corpo-Encarnado ao Corpo-Eucarístico: interfaces do reconhecimento intersubjetivo\***

**From Incarnate-Body to Eucharistic-Body: interfaces of  
intersubjective recognition**

**Luciano Gomes dos Santos\*\***

### **Resumo**

O objetivo da presente pesquisa é relacionar o corpo-encarnado ao corpo-eucarístico, como interfaces do reconhecimento intersubjetivo. O corpo possui uma série de significados. É dimensão relacional com o mundo. É o lugar da experiência da gestação da vida, do abraço, do afeto, do amor, da fé. O corpo é polissemia de significados e expressões da existência. Por meio do corpo, estabelecemos relações com a alteridade. Vive-se na contemporaneidade, a banalização do corpo. O corpo é violentado, reduzido à mercadoria, comercializado, reverenciado, excluído, cultuado. Na encarnação, a Palavra do Criador torna-se corpo-encarnado, assumindo as condições históricas, políticas, sociais, culturais e religiosas. A encarnação do Verbo eleva a natureza humana, e o mistério pascal de Cristo, como doação total de si, abre uma nova perspectiva para o corpo humano - a ressurreição. Deus assume a dimensão do corpo, elevando com isso a dignidade da natureza humana. Em Jesus, encontramos a valorização do corpo e a proteção do corpo, contra todas as formas de

---

\* Artigo recebido em recebido em 14/09/2015 e aprovado para publicação em 23/10/2015.

\*\* Doutorando em Teologia na Área da Práxis Cristã No Programa de Pós-graduação de Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Bolsista da CAPES. e-mail: luguago@ig.com.br

opressão. O corpo é templo do Espírito Santo. É comunicação, epifania da revelação divina. Espaço sagrado de comunhão com o Criador. O corpo é sexo, sexualidade, interação, dança. Jesus se torna no corpo-eucarístico. Oferece-se a si mesmo à humanidade nas espécies do pão e do vinho. Seu corpo é lugar da soteriologia, do serviço, da entrega incondicional. O corpo é dignificado na eucaristia como o grande louvor ao Pai. É dignificado na ressurreição como a nova criação do Criador. Do corpo-encarnado ao corpo-eucarístico encontramos a experiência do reconhecimento intersubjetivo.

**Palavras-chaves:** Corpo; Encarnação; Eucaristia; Intersubjetividade.

### **Abstract**

The aim of this research is to relate the body-incarnate the body-Eucharist, as the intersubjective recognition interfaces. The body has a number of meanings. It is relational dimension with the world. It is the place of the experience of pregnancy of life, embrace, affection, of love, of faith. The body is several meanings and expressions of existence. In his body, we established relationships with otherness. He lives in the contemporary world, the trivialization of the body. The body is raped, reduced to merchandise, sold, revered, deleted, worshiped. In the Incarnation, the Word of the Creator becomes body-incarnate, assuming the historical, political, social, cultural and religious conditions. The Incarnation of the Word elevates human nature, and the paschal mystery of Christ, as a total gift of self, opens a new perspective to the human body - the resurrection. God takes the size of the body, bringing with it the dignity of human nature. In Jesus, we find the value of the body and the body's protection against all forms of oppression. The body is the temple of the Holy Spirit. It is communication, epiphany of divine revelation. Sacred space of communion with the Creator. The body is sex, sexuality, interaction, dance. Jesus becomes the body-Eucharistic. It offers himself to humanity in the species of bread and wine. Your body is place of soteriology, the service, the unconditional surrender. The body is dignified in the Eucharist as the great praise to the Father. It is dignified in the resurrection as the new creation of the Creator. Body-incarnate the body-Eucharistic find the experience of intersubjective recognition.

**Keywords:** Body; Incarnation; Eucharist; Intersubjectivity.

## **Introdução**

O objetivo da presente pesquisa é relacionar o corpo-encarnado ao corpo-eucarístico, como interfaces do reconhecimento intersubjetivo. Na encarnação, a Palavra do Criador torna-se corpo-encarnado, assumindo as condições históricas, políticas, sociais, culturais e religiosas. O corpo da humanidade foi assumido no corpo de Jesus. O Cristianismo desde suas origens históricas coloca a corporeidade humana como eixo central da salvação. A encarnação do Verbo eleva a natureza humana, e o mistério pascal de Cristo, como doação total de si, abre uma nova perspectiva para o corpo humano - a ressurreição. O corpo, nessa perspectiva, ocupa lugar central na teologia e na espiritualidade cristã, pois a partir da encarnação do Verbo, Deus assume um corpo, elevando com isso a dignidade da natureza humana. Por meio do corpo, estabelecemos relações com a alteridade.

Em Jesus, encontramos a valorização do corpo e a proteção do corpo, contra todas as formas de opressão. O corpo é dimensão relacional com o mundo. É o lugar da experiência da gestação da vida, do abraço, do afeto, do amor, da fé. O corpo é templo do Espírito Santo. É comunicação, epifania da revelação divina. Espaço sagrado de comunhão com o Criador. O corpo é sexo, sexualidade, interação, dança. Jesus se torna no corpo-eucarístico. Oferece-se a si mesmo à humanidade nas espécies do pão e do vinho. Seu corpo é lugar da soteriologia, do serviço, da entrega incondicional. O corpo é dignificado na eucaristia como o grande louvor ao Pai. É dignificado na ressurreição como a nova criação do Criador. Do corpo-encarnado ao corpo-eucarístico encontramos a experiência do reconhecimento intersubjetivo. Por meio do corpo-encarnado, Jesus se reconhece na humanidade e, por sua vez, a humanidade se reconhece em Deus por meio da mediação de Jesus.

O corpo-eucarístico é o lugar do reconhecimento, da memória, da comunhão, do perdão dos pecados e da libertação de todas as formas de violência contra a vida. Vive-se na contemporaneidade, a banalização do corpo. O corpo é violentado, reduzido à mercadoria, comercializado, reverenciado, excluído, cultuado. O corpo é polissemia de significados e expressões da existência. A metodologia para a realização da pesquisa foi a bibliográfica, utilizando-se de autores que refletem a dimensão do corpo e suas interfaces. Consideramos que o corpo foi dignificado em Jesus. Seu corpo-eucarístico dado à humanidade como alimento provoca em nós o reconhecimento do outro, a sua história, sua vida, sua identidade.

## A tessitura do corpo

O corpo é objeto de estudos de diversos saberes nos últimos séculos da história da humanidade. As diversas áreas do conhecimento procuram estudá-lo sob muitos aspectos (biológico, cultural, filosófico, histórico, artístico, antropológico, teológico). Ultimamente, todo o corpo humano foi mapeado por meio das pesquisas em torno do genoma humano. O estudo do corpo já foi fragmentado. Na atualidade, encontramos abordagens que procuram por meio do diálogo interdisciplinar, realizar uma abordagem holística do corpo. Afirmamos que o corpo é multidimensional, ou seja, possui diversas dimensões que compõe a sua objetividade no mundo. O antropólogo e teólogo Juvenal Arduini diz:

O corpo emana significado por todos os poros. Fala pela voz, pelo silêncio, pela face, pelo olhar, pela idade, pelo andar, pela imobilidade, pelas evoluções físicas, pelo salto, pela dança, pela debilidade, pelas contrações, pelo sussurro, pelo grito, pela lágrima, pela cólera, pela fome, pelo protesto, pela fuga, pela agressão, pelo aceno, pelo rasto, pela bravura, pelo medo, pelas mãos calejadas, pelo sangue derramado, pelos pulsos algemados, pelos braços alevantados (ARDUINI, 1989, p. 18).

O corpo é expressividade de significados da condição humana. Mas o que é de fato o corpo? Entendemos que o corpo é organismo vivo, causa de seu caráter humano, presença, expressão, ação primeira, palavra, símbolo, interioridade que se abre ao mundo, à alteridade e ao infinito. O corpo é expressão pessoal no mundo. O ser corpóreo é abertura constitutiva para o outro, é capacidade de coexistir por intercâmbios pessoais, na busca contínua de compreender o diferente e, conseqüentemente, de autocompreensão (CORREIA, 2010, p. 55). O corpo é todo o meu ser. "É nele que se manifestam a consciência, o pensamento, a intenção profunda, a liberdade, o projeto de vida, a necessidade e aspiração, o acolhimento e a recusa, a dor e o júbilo, o amor e a crueldade, a súplica e a prepotência. O corpo é palavra somática" (ARDUINI, 1989, p.19).

Na prática, o ser humano não *tem* corpo, mas *é* corpo. O corpo não se reduz a uma propriedade da pessoa. Possui a totalidade humana. É pelo corpo que o humano se expressa, se faz presente e se comunica aos outros seres humanos. É pelo corpo que o ser humano intervém no mundo das coisas, transformando-o e criando cultura. E o fazemos com as características próprias de nossa individualidade: fisionomia, estatura, história pessoal, talentos, limites, fraquezas, enfim, com os elementos que formam a nossa personalidade. O corpo é, portanto, nossa mensagem

mais visível para nossos semelhantes, a nossa presença real na teia das relações humanas (CORREIA, 2010, p. 55). Por isso, a linguagem corporal é encontro de existências que não se reduz aos encontros físicos, corporais, mas é a circulação de sentidos. O corpo apresenta o ser total de uma pessoa à outra. E também o corpo do outro traz ao primeiro a sua existência toda.

O encontro de corpos perfaz a mútua inserção significativa de vidas. Há encontro de corpos em que perpassa o acolhimento recíproco. E há encontro de corpos em forma de recusa que afasta as existências e cava o hiato interpessoal. É que o corpo não é máscara postiça, que se veste e desveste, mas é a encarnação do existir humano nas suas diferentes qualificações. E no diálogo das corporalidades constitui-se o ser-no-mundo. Quando as corporalidades existenciais travam relacionamento, forma-se o universo "mundano". O diálogo corporal mediatiza o intercâmbio mais amplo com o universo cósmico e histórico. É através das corporalidades humanas inter-relacionadas, que o mundo adquire sentido e espraia-se em forma de linguagem (ARDUINI, 1989, p. 19).

A corporalidade é lugar do encontro, do reconhecimento recíproco, da mútua inserção significativa de vidas. É no *espaço mundo* que se dá o diálogo das corporalidades. Somos ser- no-mundo com o outro e os outros. No mundo se dá o reconhecimento significativo dos corpos ou às vezes a recusa brutal e opressiva à alteridade, destruindo as relações de afeto, de direito e de solidariedade. No encontro intersubjetivo das corporalidades se edifica a constelação de significados por meio da linguagem que reveste a existência e o mundo de sentidos.

Segundo Henrique Cláudio de Lima Vaz, o ser humano possui três estruturas fundamentais: *corpo, psiquismo e espírito*. Ressaltaremos a dimensão da corporalidade, a categoria de *corpo próprio*. O homem está presente no mundo por meio do seu corpo, isto é, por sua corporalidade como dimensão constitutiva e *expressiva* do seu ser. A categoria do corpo em Lima Vaz não se refere apenas ao sentido físico-biológico, mas, especificamente, à dimensão filosófica de expressividade do ser humano (VAZ, 2004, p.157). Por isso, faz uso da terminologia "*corpo próprio*", adotada pela filosofia contemporânea. Afirma que "a autocompreensão do homem encontra seu núcleo germinal na compreensão de sua condição corporal" (VAZ, 2004, p.158).

Na perspectiva de Lima Vaz, o corpo é entendido como *corpo próprio* ou totalidade intencional. A partir desse aspecto, "o corpo pode ser assumido na auto-expressão do sujeito, e podemos falar de um Eu corporal" (VAZ, 2004, p.158). Por meio do corpo, o homem está presente

no mundo em suas dimensões *natural* e *intencional*. A primeira é a presença natural ou simples *estar-aí*. A segunda é *presença* no sentido próprio ou *ser-aí* (VAZ, 2004, p.159). O *corpo próprio* é o lugar fundamental do espaço propriamente humano, e o evento fundamental do tempo propriamente humano.

Por meio do *corpo próprio*, o homem organiza o seu estar-no-mundo e podemos distinguir quatro níveis: (1) *físico-biológico* no tempo e no espaço marcado pela sexualidade humana; (2) *psíquico* na ordem da afetividade, por meio do sentimento, da emoção e da imagem; (3) *social-domínio* da expressividade e comunicação (sinal, gesto, linguagem); (4) *cultural* – aspecto regular do corpo - ginástica, jogo, refeição, etiqueta social, moda (VAZ, 2004, p.160).

Lima Vaz apresenta que a compreensão humana do corpo se dá no nível da compreensão filosófica. Na perspectiva histórica, o problema do corpo constitui-se num dos fios condutores de orientação da história das concepções do homem, se apresentando como um dos primeiros enigmas do homem em busca do conhecimento de si mesmo, tendo como característica comum o esquema dual alma-corpo nas seguintes concepções (VAZ, 2004, p.163): versão *religiosa* (dualismo órfico-pitagórico e dualismo gnóstico-maniqueísta); versão *filosófica* (dualismo platônico e dualismo cartesiano); versão *bíblico-cristã* (moralista e soteriológica) e a versão *científica* moderna (esquemas reducionistas).

Segundo Lima Vaz, “a *categoria* da corporalidade define-se como termo do movimento dialético no qual o *corpo* é suprassumido pelo sujeito no movimento dialético de constituição da essência do sujeito ou da resposta à questão sobre o seu *ser*” (VAZ, 2004, p.164). Por fim, podemos a partir da compreensão filosófica do corpo, apresentar duas proposições: (1) “o corpo é o próprio sujeito (Eu), estruturando-se em formas *expressivas* que traduzem os diversos aspectos de sua presença exteriorizada (ou espaço-temporal) no mundo” (VAZ, 2004, p.165); (2) “o corpo é o sujeito dando a essas formas expressivas a natureza do *sinal* na relação intersubjetiva com o Outro, e a natureza de suporte das *significações* na relação objetiva com o mundo” (VAZ, 2004, p.165). O corpo é parte constitutiva da essência do ser humano. É afirmação do seu ser no mundo e de suas diversas relações.

O corpo é condição histórica e é produzido culturalmente. Por isso, “mais do que um dado natural cuja materialidade nos presentifica no mundo, o corpo é uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc.” (GOELLNER, 2003, p. 28). O corpo não é algo dado *a priori* nem mesmo é universal: o corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as

representações que cria sobre os corpos, os discursos que sobre ele produz e reproduz.

O corpo não é apenas o corpo, mas também a roupa e os seus acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos (GOELLNER, 2003, p. 29). Não são as semelhanças biológicas que definem o corpo, mas os significados culturais e sociais que a ele se atribuem. Falar do corpo é falar de nossa identidade dada à centralidade que este adquiriu na cultura contemporânea cujos desdobramentos podem ser exemplificados, no crescimento do mercado de produtos e serviços relacionados ao corpo, a sua construção, aos seus cuidados, a sua libertação e também o seu controle. Ressaltando que a indústria da beleza e da saúde faz do corpo o seu maior consumidor.

Disciplina-se o corpo para que se consiga reconhecimento social e aprovação, estando o prazer associado ao esforço, o sucesso à determinação e a intensidade do esforço será proporcional à angústia provocada pelo olhar do outro. Nada é gratuito, tudo é obtido num sistema de regulação de trocas. O corpo é subjugado ao olhar do outro para o reconhecimento. Torna-se meio de produção no sistema capitalista e ao mesmo tempo, busca a sua independência o seu autodomínio.

No capitalismo de produção, o corpo entrava no mercado como força de trabalho, como força a ser domada e preservada, já na atualidade do capitalismo da *superprodução*, onde o problema é consumir o que se produz em excesso comparativamente às necessidades, o corpo entra no mercado como capacidade de consumir e ser consumido. Enquanto que no início do capitalismo havia uma relação entre a disciplina, o ascetismo, o corpo e a produção, no capitalismo tardio (séc. XX) existe uma ênfase completamente diferente e corrosiva no hedonismo, no desejo e no divertimento. O corpo é construído, decorado e se expressa individualmente, é projeto pessoal, flexível e adaptável aos desejos do indivíduo (COSTA et al. 2011, p. 29).

O corpo vive processo de fragmentação. "O físico decompõe-se em músculos, glúteos, coxas, seios, boca, olhos, cabelos, órgãos genitais, etc. A publicidade ou os avanços da medicina, parecem transformar cada um destes pedaços num potencial alvo de consumo e de tratamento" (COSTA et al. 2011, p. 30). Busca-se a autonomia na estética, no social e na política. Como exemplo, encontra-se o aumento dos corpos tatuados, dos cabelos pintados das mais diversas cores, os *piercings* ou o vestuário, que vai desde a moda mais clássica, à moda *hippie* dos anos 70, *punk*, *funk*, *rapper*, surfista, entre outros.

Assistirmos a um corpo construído numa espécie de simulação, uma aparência sem realidade. De fato, a roupa, os adereços, a maquiagem, associados a técnicas como a cirurgia plástica, a lipoaspiração, os tratamentos de beleza, mesmo fazendo parte de um processo de produção, voltam-se para o imaginário, ajudam homens e mulheres a mascararem o próprio corpo, escondendo detalhes e ressaltando outros. O conceito de beleza corporal se assenta na criação e na inovação (COSTA et al. 2011, p. 30). O corpo é transformado e torna-se produto manipulável visando satisfazer os desejos individuais ou cobranças do meio social pelo corpo ideal. O corpo está em plena metamorfose. O objetivo não é aceitar o corpo, mas corrigi-lo e reconstruí-lo. O sujeito procura no seu corpo uma verdade sobre si mesmo, que a sociedade não lhe consegue proporcionar. O contexto social e histórico instável e em constante mudança, associado ao enfraquecimento dos principais meios de construção da identidade, como a família, a religião, a política, o trabalho, parece levar os indivíduos a apropriarem-se cada vez mais do corpo como meio de expressão do eu (COSTA et al. 2011, p. 31). Busca-se no próprio corpo a construção da subjetividade.

Ressaltamos que vivemos numa cultura centrada na valorização da imagem do corpo. A publicidade é o meio que dissemina a imagem do corpo e sua normalização a partir de determinado modelo de corpo. Oferece um conjunto de práticas necessárias à sua manutenção. O corpo torna-se um objeto virtual, saturado de estereótipos, inacabado e transforma-se num objeto de autoplastia. Estamos hoje mergulhados no mundo virtual. Nossos corpos se interagem virtualmente, nos tornamos parte do *corpo-máquina*.

Nessa perspectiva, estamos utilizando muito pouco nosso corpo, nossa mobilidade, nossa resistência. O corpo torna-se avatar no mundo virtual. Criamos nossa identidade, manipulamos a realidade. O corpo executa o que a máquina orienta. O corpo é subordinado à máquina, ao virtual. Sabemos de todos os benefícios que o mundo virtual proporciona ao ser humano: comunicação, informação, lazer, interação, trabalho, educação, produção coletiva do conhecimento, etc. Em contrapartida, o corpo deixa de ser o lugar físico do encontro, da afetividade, do abraço, do reconhecimento pessoal. O corpo fragmenta-se na virtualidade e perde-se em sua totalidade presencial na entrega a alteridade por meio dos relacionamentos e da convivência.

No contexto das redes virtuais, Antonio Spadaro reflete a ciberteologia, ou seja, é necessário pensar o cristianismo nos tempos da rede:

A tecnologia não é somente, como pensam os mais céticos, uma forma de viver a ilusão do domínio sobre as forças da natureza em

vista de uma vida feliz. Seria reducionista considerá-la só resultado de uma vontade de poder e domínio. É, no entanto, um fato profundamente humano, ligado à autonomia e à liberdade do homem. Na técnica se exprime e se confirma o poder do espírito sobre a matéria (SPADARO, 2012, p. 25).

A tecnologia, o mundo virtual não seria algo negativo para o homem. Representa a autonomia e a liberdade da corporalidade humana no domínio da técnica em seu favor. O domínio da matéria por meio da inteligência humana. A tecnologia é força de organização da matéria por um projeto humano consciente. O corpo cruza com a tecnologia e no ciberespaço espelha o desejo de infinito de divino (SPADARO, 2012, p. 30). Analisamos que o grande desafio diante da tecnologia é perda da consciência da corporalidade. Cair no esquecimento de sua condição humana, tornar-se objeto, coisificar o corpo.

Segundo o sociólogo e antropólogo francês David Le Breton, o ciberespaço é o lugar de desaparecimento do corpo. Nesse espaço imaterial, os indivíduos espacialmente distanciados entram em contato. A única forma de toque é a das pontas dos dedos no teclado, e a única imagem é aquela vista por meio da tela do computador. A virtualidade então seria por excelência um espaço onde o corpo (fisiológico) fica pendente, provisoriamente esquecido enquanto matéria. É o território das imagens e dos signos, onde coexistem em virtualidade inúmeros corpos em potencial (BRETON, 2003). Em sua visão, "o espaço cibernético é uma ferramenta de multiplicação de si, uma prótese da existência quando não só o próprio corpo que se transforma em prótese de um computador onipotente" (BRETON, 2003, p.146).

Ressaltando o tema da sexualidade no ciberespaço, David Le Breton refere-se ao conceito "cibersexualidade", ou seja, pode-se pensar em um erotismo "fora do corpo", que encontra sentido não no encontro entre corpos, mas em uma interação de imagens, criando personagens, situações e mesmo ações a partir de palavras. O corpo físico é então desnecessário, e mesmo indesejável, em um mundo onde se pode potencialmente vestir qualquer máscara, tornar-se qualquer personagem, ter qualquer forma, cor, toque e cheiro imaginável e imaginado (BRETON, 2003). O sexo tornar-se cibernético seduzido pela possibilidade de se erradicar do corpo a imperfeição, a temporalidade e a finitude. O único risco do sexo cibernético é o de um curto-circuito no dispositivo ou de um fio desencapado nos vibradores (BRETON, 2003, p. 177). A sexualidade passa a ser pensada como um Eros eletrônico em que o corpo do outro se formata ou se configura a partir de um *software*.

Segundo David Le Breton, o corpo é uma construção simbólica e não uma realidade em si. É uma construção social e cultural. Vive-se uma concepção paradoxal do corpo entre o indivíduo e o mundo. Em outras

palavras, instala-se uma bipolaridade: uma visão do corpo mais como um *ter* do que um *ser*, em que o homem não só se distancia do corpo, mas também o deprecia, e outra que faz do corpo a identidade do homem, produzindo no indivíduo um sentimento novo de ser ele mesmo, antes de ser membro de uma comunidade (BRETON, 2011).

Portanto, é por meio do corpo que expressamos o efeito e significados que as relações tiveram ou têm em cada de nós. A nossa existência corporal está imbuída num contexto, relacional e cultural, sendo este o canal pelo qual as nossas relações são construídas e vivenciadas. Como uma realidade cerrada e íntima e sublinhar, por seu lado, a sua condição aberta e dinâmica em função da sua mediação social.

### **Perspectiva bíblico-teológica do corpo**

Após discorrer sobre o corpo em suas perspectivas antropológica, filosófica e sociológica, passamos a analisar a visão bíblico-teológica do corpo. O corpo possui uma origem sagrada. Dele discorre a experiência da criação e de sua relação com o Criador. A bíblia fala do mistério que circunscreve o corpo humano. Na concepção bíblica mais antiga, o "corpo" é a unidade constitutiva do ser humano, é a expressão na qual o humano se manifesta. O corpo, como estrutura que constitui fundamentalmente o ser humano, é obra-prima da criação divina. No primeiro Testamento da Bíblia, o conceito que mais se aproxima do "corpo" enquanto estrutura constitucional fundamental do ser humano vivo, é *adam*.

No Livro do Gênesis 2,7 diz que Deus "formou o ser humano [no sentido de corpo] com o pó do solo, soprou-lhe nas narinas o sopro da vida, e ele [corpo] tornou-se um ser vivente". Nessa perspectiva, o *homem* (em hebraico: *adam*), é uma unidade, corpo, modelado pelo próprio Deus por meio do pó do solo, argila, barro (em hebraico: *adamah*), e animado pelo sopro da vida que vem diretamente de Deus. O ser "humano", *adam*, é matéria, vem do solo, *adamah*. Este nome coletivo tornar-se-á o nome próprio do primeiro ser "humano", Adão (cf. Gn 4,25; 5,1.3). Deus modelou o ser "humano" – *adam*. A figura de barro não era o ser humano (CORREIA, 2010, p. 62).

O Criador soprou nele o "hálito de vida" (em hebraico: *neshamah*). Respirar é sinal de vida, o ar que entra e sai pelas narinas é tão importante e indispensável que podia ser identificado com a própria vida ou com a alma, o "espírito" do ser homem. No fim da vida, o ser "humano" exala o "espírito". A palavra hebraica *neshamah* (hálito) é

sinônima do hebraico *ruah* (em grego: *pneuma* – sopro, espírito). O pó volta à terra (*éretz*), de onde saiu (cf. Gn 3,19), e o espírito (*ruah*) retorna para Deus, que o concedeu (cf. Ecl 12,7). O hálito divino não é ainda a alma imortal e independente do corpo; é a vida que Deus concede e que ele retira quando quer (cf. Sl 104,29-30). O elemento constitutivo principal do ser humano é, portanto, o corpo animado por Deus (CORREIA, 2010, p. 63).

No Antigo Testamento, o corpo é mortal e pecador (MACKENZIE, 2011, p.390). A cultura hebraica vê o corpo como unidade que faz da morte experiência limite: o ser “humano” é corpo formado da terra, e a terra tornará quando Deus retirar seu sopro vital (cf. Gn 2,7; 3,19; Sl 90,3; 104,29; 146,4; Jó 34,15; Ecl 12,7). A ideia de poder salvar-se da morte não se exprimia senão na fé no poder salvífico de Deus (do povo: Ez 37; de cada um: Sl 49; 73). Somente após o exílio, com base em uma completa transformação da concepção teológica israelita foi prometida a supressão da morte, por meio da ressurreição dos mortos, para aqueles que foram fiéis em vida, ou uma segunda morte para os infiéis em vida (cf. Dn 12,2-3).

Segundo John L. MacKenzie, a ideia que prevalece no Antigo Testamento é a de que a morte constitui um fim. No fundo, “a concepção da morte é determinada pela concepção da vida: assim, a concepção hebraica da pessoa humana mais como corpo animado do que como espírito encarnado faz com que o fim da animação apareça como cessação de toda atividade vital” (MACKENZIE, 2011, p.578-579). A morte é aceita como um fim natural do homem (cf. 2Sm 14,14). O morto não participa do culto divino (cf. Sl 6,6; 30,10; 88,11; 115,17; Is 38,11.18). Jesus no Novo Testamento apresentará que Deus não é um Deus dos mortos, mas sim dos vivos (cf. Mt 22,32; MC 12,17; Lc 20,38). A vida vencerá a morte. O corpo será glorificado.

No Novo Testamento, a palavra para corpo é *soma*. O conceito adquire o mesmo sentido do termo hebraico *adam*. Significa não apenas uma condição externa do homem, mas realidade profunda do único ser humano (CORREIA, 2010, p. 66). Nos Evangelhos, o corpo é iluminado pelo olho que significa intenção (cf. Mt 6,22; Lc 11,34); se o olho possui a luz, ele a transmite para todo corpo. O corpo é muito mais importante do que o alimento (cf. Mt 6,25; Lc 12,22s). O corpo é posto em paralelo com a vida. É distinto da “alma”. Nos textos bíblicos (cf. Mt 10,28; Lc 12,4), a morte do corpo deve ser menos temida do que a destruição da alma e do corpo devida ao castigo de Deus. A vida do corpo não representa a totalidade da vida humana, pois o homem sobrevive na ressurreição do corpo. Mas se o homem perde sua alma pelo pecado, então perdem-se a esperança e o princípio da ressurreição.

Nos escritos do Apóstolo Paulo, em comparação com outros escritos do Novo Testamento, o corpo se torna um conceito psicológico e

teologicamente importante. A primeira referência ao corpo é o de ser humano existente concretamente. Em alguns contextos, o corpo aparece como sinônimo do próprio "eu" (cf. Rm 6,12s; 8,10; 1Cor 6,18s), mas, usados para indicar o "eu", os termos "corpo" e "alma" têm uma acentuação diferente. O corpo representa mais a totalidade do que o "eu" consciente; o elemento corporal da vida humana nunca desaparece do horizonte. A morte do corpo é consequência do pecado do pecado (cf. Rm 8,10), mas o espírito sobrevive a essa morte por meio da justiça. O corpo é objeto de transformação e não de morte. O corpo do pecado foi destruído com o velho homem na crucificação de Jesus e ressurgido por Deus por meio de seu Espírito com a ressurreição de seu Filho.

No pensamento paulino, a adoção filial é a redenção do corpo (cf. Rom 8,23). Nessa perspectiva, o corpo deve ser apresentado a Deus como sacrifício vivo e agradável (cf. Rm, 12,1). O corpo pertence ao Senhor, como o Senhor pertence ao corpo (cf. 1Cor 6,13). Encontramos nessa afirmação de Paulo, a união do corpo com o Senhor. É a identidade do corpo com o corpo de Cristo. Quem sofre por Cristo leva em seu próprio corpo as marcas de Jesus (cf. Gl 6,17). O corpo será transformado de sua finitude à condição gloriosa de corpo ressuscitado de Cristo (cf. Fl 3,21). Nesse sentido, "o corpo do cristão, que participa da experiência da morte e ressurreição de Cristo, deve participar também da plenitude de sua glória" (MACKENZIE, 2011, p.175). Paulo analisa a questão da ressurreição do corpo em 1Cor 15,35-44. O corpo torna-se incorruptível segundo a imagem do homem celeste, recebendo a glória e torna-se espiritual.

Segundo Paulo, a Eucaristia constitui um princípio fundamental da união do cristão com o corpo de Cristo. Ao comer o pão eucarístico, o cristão participa do corpo de Cristo: os cristãos tornam-se inclusive um só corpo, que é o corpo de Cristo, pois há apenas um só pão e um só corpo (cf. 1Cor 10,16s). Aquele que participa de forma indigna do sacramento profana o corpo do Senhor (cf. 1Cor 11,27) e aquele que come sem reconhecer o corpo de Cristo come e bebe a própria condenação (cf. 1Cor 11,29). Foi em um só corpo – o seu próprio corpo – que Cristo reconciliou os cristãos com o Pai em sua morte (cf. Ef 2,16s; Cl 1,22). Nessa perspectiva, Cristo tornou a igreja um só corpo – o seu próprio corpo – no qual habita um só espírito (cf. Ef 4,4). Os cristãos são chamados em um só corpo (cf. Cl 3,15).

### **Do *corpo-encarnado* ao *corpo-eucarístico* – espaço do reconhecimento intersubjetivo**

Deus irrompeu a história humana. O Filho (Logos, Verbo, Palavra) eterno de Deus encarnou-se na história humana (IAMMARRONE, 2003, p.232). O Verbo Divino torna-se *corpo-encarnado* (cf. Jo 1,14). O verbo de Deus se fez carne (homem na forma de vida marcada pela caducidade, pela fraqueza e pela morte). Jesus o Verbo da vida manifestou-se na história humana (cf. 1Jo 1,1-4). Jesus é o Filho de Deus vindo na carne (cf. 1Jo 4,2ss; 2Jo 7) e assumiu a nossa condição humana, menos o corpo do pecado. O *corpo-encarnado* de Cristo é a presença amorosa de Deus à humanidade. “Expressa-se no encontro inter-cêntrico que é a unificação dos homens e das sociedades pelo núcleo das consciências” (ARDUINI, 1987, p.247). É a comunicação essencial da presença de Deus à humanidade. É expressividade da dimensão divina na carne humana.

Buscando inspiração no pensamento de Lima Vaz, o *corpo-encarnado* é *corpo próprio* como lugar fundamental do espaço propriamente humano, e o evento fundamental do tempo propriamente humano. O *corpo-encarnado* é a comunicação essencial da presença de Deus à humanidade. É a presença pessoal e tangível de Deus que se irradia pelo universo inteiro. Por isso, o *corpo-encarnado* de Cristo estrutura-se em formas *expressivas* (amor, perdão, acolhida, encontro, esperança, salvação, etc.) que traduzem os diversos aspectos de sua presença exteriorizada (ou espaço-temporal) no mundo. É Deus com as pessoas, porque convive realmente com elas. Nesse sentido, o *corpo-encarnado* é Cristo que se manifesta essa por meio dessas formas expressivas a natureza do *signal* na relação intersubjetiva com o Outro, e a natureza de suporte das *significações* na relação objetiva com o mundo.

O *corpo-encarnado* estabelece solidariedade radical com o universo humano e material. Atinge todas as áreas da atividade humana. É histórico porque penetra todos os fios da história (cultura, política, religião, educação, família, etc.). A presença do *corpo-encarnado* “contamina” todas as realidades humanas. Acentua e grita a presença dos grandes valores: o valor da dignidade humana, dos excluídos e oprimidos, do doente, da fraternidade, da justiça, da paz, da solidariedade, do perdão (cf. Mt 5,6; 8, 4-11; 12, 9-13; 25, 35-40; Jo 10,10; Lc 7,1-10;). O *corpo-encarnado* estabelece relações com a alteridade (cf. Mc 7,24-30; Lc 24,13-35; Jo 4,1-42). Torna-se lugar do reconhecimento intersubjetivo, no *corpo-encarnado* encontra a humanização. É o lugar da salvação, da expressão total do amor de Deus a todas as pessoas da humanidade.

O *corpo-encarnado* acolhe pessoas, grupos, culturas e povos, sem discriminação. Não seleciona pessoas. Contraindo radical afinidade com todos os seres humanos. Não afugenta ninguém. Pode até ser rejeitado, mas não rejeita ninguém. A fraternidade do *corpo-encarnado* não é etnocêntrica, não tem fronteiras, não é antropologicamente regionalizado. É ecumênico porque chega a todos os cantos da humanidade (ARDUINI, 2013, p.34). O *corpo-encarnado* se coloca a serviço da humanidade (cf.

Mt 20,28). “Entregou tudo, o ser, a vida, o sangue. Fez-se pastagem, pão, eucaristia” (ARDUINI, 2013, p.39). O *corpo-encarnado* veio trazer sentido novo ao mundo. Veio renovar a humanidade. Seu compromisso foi refazer a humanidade na perspectiva de Deus. Veio promover a heterogênese teológica. A nova gênese humana.

Apresentamos duas revelações do *corpo-encarnado*: *kenosis* e *Kairós*. Na *kenosis* (cf. Fl 2,6-11), o Verbo de Deus assume a humanidade e na sua ressurreição a humanidade assume novamente a divindade. O Verbo de Deus “despojou-se” da divindade para experimentar a condição humana. Entregou-se totalmente à humanidade. No *Kairós* (cf. Mc 1,15) é o tempo da graça de Deus. É o “já” e o “ainda não” da plenitude do encontro entre Deus e o homem (RUBIO, 1989, p. 334). O *kairós* no *corpo-encarnado* provoca em nós a decisão resposta à interpelação da graça de Deus, ou seja, “abertura-disponibilidade em relação ao pai e amor-serviço aos outros seres humano, no concreto das situações históricas. Amor a Deus e amor-serviço aos irmãos, oração e ação, diálogo com Deus e compromisso em favor de um mundo mais justo e solidário” (RUBIO, 1989, p. 335). O *corpo-encarnado* é a “manifestação do Outro [Amor divino], o puro desvelar-se dele” (FORTE, 2003, p.15), que faz do amor a prática do serviço aos irmãos (cf. Jo 13, 1-15).

O *corpo-encarnado* torna-se *corpo-eucarístico*. Após anunciar o Reino de Deus, curar os doentes, perdoar os pecados, anunciar a bondade e a salvação de Deus (Lc 15,11-32; 19,1-10), Jesus estabelece a Nova Aliança com a humanidade por meio do seu Corpo e Sangue. É o gesto que se concretiza na Última Ceia, ratificando a síntese de sua missão por meio do anúncio do Reino de Deus. Jesus reuniu seus discípulos, tendo tomado o pão, depois de ter dado graças (*eucaristésas*), partiu-o e deu-o aos apóstolos. Assim, primeiro Ele havia dado graças sobre o cálice (cf. Mt 26, 26-29; Mc 14,22-25; Lc 22, 14-20). Na Última Ceia, o *corpo-encarnado* se torna no *corpo-eucarístico*. A eucaristia torna-se lugar do reconhecimento intersubjetivo: “Tomai todos e bebei” – “Tomai todos e comei”. Ninguém está excluído do *corpo-eucarístico*. É o *corpo* da comunhão, da remissão dos pecados, da partilha, do serviço, do afeto, da justiça, da solidariedade, da memória de Cristo.

O *corpo-eucarístico* é dimensão relacional com o mundo. É o lugar da experiência da gestação da vida, do abraço, do afeto, do amor, da fé. É templo do Espírito Santo. É comunicação, epifania da revelação divina. Espaço sagrado de comunhão com o Criador. O *corpo-eucarístico* é expressão da sexualidade, interação, dança. Jesus é *corpo-eucarístico*. Oferece-se a si mesmo à humanidade nas espécies do pão e do vinho. É lugar da soteriologia, do serviço, da entrega incondicional. O corpo é dignificado na eucaristia como o grande louvor ao Pai. É dignificado na ressurreição como a nova criação do Criador.

No *corpo-eucarístico* celebramos o Mistério Pascal de Cristo: morte e ressurreição. Na cruz, revela-se o amor incondicional de Jesus pela humanidade. Entregou sua vida livremente por nós. O *corpo-eucarístico* é sacrifício de louvor em ação de graças pela obra da criação. Toda criação amada por Deus é apresentada ao Pai através da Morte e da Ressurreição de Cristo. O *corpo-eucarístico* eleva e dignifica toda criação de Deus. É a Nova Criação do Pai por meio do Mistério da Morte e Ressurreição de Jesus. É práxis da comunidade cristã. É unidade no corpo místico. É compromisso com os pobres e todas as formas de excluídos (orientação sexual, religião, política, etnia, etc.). É unidade dos cristãos e abertura de diálogo com os diferentes.

O *corpo-eucarístico* "não é somente comunhão de cada indivíduo com Cristo, mas é, em primeiro lugar, comunhão dos fiéis entre si e unidade no corpo de Cristo" (ZIZIOULAS, 2001, p. 89). É espaço do reconhecimento intersubjetivo. Comungar-se com o corpo-eucarístico é comungar-se no afeto, no direito e na solidariedade com a alteridade. O *corpo-eucarístico* interpela o nosso cuidado com o rosto do outro. Provoca em nós, uma antropologia cristã do reconhecimento intersubjetivo, pois comungar-se com a vida de Cristo é comungar com a paixão, morte e ressurreição. É superar a corrupção, a mentira, o ódio, a violência, a destruição dos direitos trabalhistas, a dignidade da pessoa humana e de nossa casa comum.

## **Conclusão**

Do corpo-encarnado ao corpo-eucarístico: o corpo é sagrado. É a criação poética do amor de Deus. O ser humano é criação de Deus para a felicidade. O ser humano é uma unidade de corpo e alma. O estudo analisou a temática do corpo. Apresentamos as metamorfoses do corpo e os diversos estudos antropológicos, sociológicos e filosóficos do corpo. O corpo é dimensão da existência humana. É dimensão digna que deve ser respeitado e protegido de todas as formas de violências. O corpo é sinal da criação amorosa de Deus. O corpo não pode ser coisificado, torturado, reduzido à mercadoria, objeto sexual. O corpo marca a identidade e a subjetividade humana. O corpo não pode ser escravizado, reduzido à máquina. O corpo é carne, emoção, contato, expressão da identidade humana.

Buscamos inspiração na revelação cristã, no reconhecimento do corpo como dimensão axiológica e sagrada, espaço de reconhecimento intersubjetivo. A fundamentação está no *corpo-encarnado*, ou seja, o Verbo de Deus despojou-se da divindade e tornou-se humano. Após a ressurreição, tornou a humanidade divina ao assumir novamente a

divindade. O *corpo-eucarístico* torna-se o espaço do reconhecimento intersubjetivo. O corpo é lugar do afeto, do direito, da solidariedade. É o lugar do encontro e da superação de todas as formas de opressões e violência. O *corpo-eucarístico* provoca em nós, novas relações de reconhecimento com as pessoas, ou seja, reconhecer a presença de Deus em cada pessoa. Em cada corpo presentificado no mundo das relações em prol da vida.

## Referências

ARDUINI, Juvenal. *Estradeiro: para onde vai o homem?* 3.ed., São Paulo: Paulinas, 1977.

\_\_\_\_\_. *Destinação antropológica*. São Paulo: Paulinas, 1989.

\_\_\_\_\_. *Crônicas de Natal*. Uberaba: Vitória, 2013.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

BRETON, David Le. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas: Papirus, 2003.

\_\_\_\_\_. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2011.

CORREIA Júnior, Luiz. Corpo. Ciberteologia - Uma abordagem bíblico-teológica. *Revista de Teologia & Cultura* - Ano VI, n. 27, 2010.

COSTA, Maria Emília et al. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje *Revista Psicologia & Sociedade*, Universidade do Porto, Porto, Portugal, 23 (1), p. 24-34, 2011.

FORTE, Bruno. *À escuta do Outro: filosofia e revelação*. São Paulo: Paulinas, 2003.

IAMMARRONE, Giovanni. Encarnação. In: *Dicionário Teológico Enciclopédico*. São Paulo: Loyola, 2003.

MACKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. 10.ed., São Paulo: Paulus, 2011.

GOELLER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes et al. (Org.). *Corpo, Gênero e sexualidade – um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2003.

RUBIO, Alfonso García. *Unidade na pluralidade*. 2.ed., São Paulo: Paulinas, 1989.

SPADARO, Antonio. *Ciberteologia: pensar o cristianismo nos tempos da rede*. São Paulo: Paulinas, 2012.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Antropologia Filosófica I*. 7.ed. São Paulo: Loyola, 2004.

ZIZIOULAS, Ioannis. *A criação como eucaristia: proposta teológica ao problema da ecologia*. São Paulo: Mundo e Missão, 2001.